

Falta de segurança acarreta estresse e pânico no dia a dia do bancário

Adma Maria Gomes

Diretora da Federação dos Bancários da CUT do Estado de São Paulo (FETEC/CUT-SP)

A precariedade cada vez maior do sistema de segurança no ramo financeiro, em comparação com a ilimitada ousadia dos criminosos, tem ocasionado traumas e muitas vezes mortes entre bancários, usuários e clientes, conforme mostram os jornais.

A periculosidade e perversidade dos assaltantes são tamanhas e incluem golpes em caixas eletrônicos, ataques a carros-fortes, assaltos a mão armada e seqüestros, cujas maiores vítimas têm sido o próprio trabalhador vinculado às instituições financeiras, como se já não bastassem as péssimas condições de trabalho; com extrapolação de jornada, imposição de metas abusivas e práticas de assédio moral.

Os bancários estão na linha de frente da ação dos bandidos, sobretudo de seqüestros seus e de seus familiares, acarretando inúmeros traumas.

O absurdo maior dessa situação é o total descaso das instituições financeiras para com a segurança desses trabalhadores. Mesmo com os sucessivos recordes nos lucros - o resultado em 2003 dos 11 maiores bancos atingiu a marca dos R\$ 12,9 bilhões - os bancos não investem o necessário em segurança.

Para se ter idéia, as instituições financeiras respondem a uma infinidade de processos por conta do descumprimento da lei 7102/83, a qual dispõe sobre sistemas de segurança e que torna obrigatória a disponibilização nos estabelecimentos bancários de dois vigilantes por unidade/agência, instalação de alarmes ligados a uma central ou delegacia e um terceiro mecanismo a escolher entre equipamento eletro-eletrônico de filmagem ou artefatos de retardo ou cabine blindada. Além disso, diversos bancos respondem a processos por falta de portas giratórias com detector de metais.

O grande problema é que as infrações e penalidades aplicadas contra as instituições financeiras estão aquém do que elas podem e deveriam pagar. Por isso, preferem burlar a lei e correr o risco de um processo, do que investir em segurança.

Para piorar ainda mais o terror enfrentado pela categoria, vários bancos estão demitindo os bancários vitimados por seqüestro ou que tiveram familiares seqüestrados. Como se não bastasse o pânico de enfrentar os bandidos, ainda sobra o medo de perder o emprego.

A situação é ainda pior nas casas lotéricas, agências dos correios e estabelecimentos comerciais que prestam serviços bancários. A prática, mais conhecida como correspondente bancário, foi autorizada pelo Banco Central por meio da Resolução 2707 do ano 2000.

Ocorre que a maioria desses estabelecimentos não possui sequer vigilante capaz de resguardar um mínimo a segurança dos trabalhadores(as) e clientes.

Preocupados com esta situação, vários dirigentes sindicais participaram do seminário nacional sobre segurança bancária, em Curitiba, nos dias 24 e 25 de março. Promovido pela Confederação Nacional dos Bancários (CNB/CUT), o evento aprovou por unanimidade a "Carta de Curitiba", com propostas privilegiando a segurança preventiva.

Além de reiterar aos bancos a adoção de medidas de prevenção, o documento lista uma série de ações a serem tomadas pelo movimento sindical bancário no âmbito das autoridades competentes. Dentre as quais agendar audiências com ministros para buscar a modernização da legislação, estabelecer parcerias com as secretarias de segurança pública com relação à fiscalização das unidades bancárias; articular leis municipais, estaduais e federais, além de pressões pelo enquadramento dos correspondentes bancários, financeiras e cooperativas de crédito na legislação para bancos.

Sabemos que existem vários fatores sociais geradores da violência. Sendo assim, cabe à sociedade exigir que os bancos façam a sua parte. A responsabilidade social se faz com ações, não objetivando somente o lucro, mas o bem-estar de todos. Pois a vida, diferentemente do que pensam os banqueiros, não tem preço.